

# A MAGIA DA PALAVRA

R. F. MANSUR GUÉRIOS

Universidade do Paraná

Maravilha da Criação, a palavra é uma das mais singulares e extraordinárias dádivas com que Deus, o Verbo, brindou o homem, exalçando neste a semelhança com Ele (“Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” — Gen., I, 26), facultando-lhe também criar o mundo do nada, como o fêz nos primórdios mediante os miraculosos *Fiat...*!

Falar é pensar; falar é corporificar o espírito; falar é concretizar o pensamento; falar é criar; falar é dominar; falar é viver!

Assim, não é para admiração haja o homem, em todos os quadrantes da Terra, votado à palavra singular respeito ou então inquietante pavor, principalmente nas manifestações religiosas, porque ela demonstra a vontade do Ser ou de seres sobrenaturais, a que as criaturas devem sujeita obediência.

As Sagradas Escrituras estão cheias de vida e maravilhas manifestadas pelas palavras divinas ou dos profetas. E muito expressivo é o que se testemunha em S. Lucas (IV-33-35). Relacionaram os circunstantes, perplexos, o ato de Jesus, que desdemoninhou uma vítima, com os prodígios que atribuíam à palavra, em certas circunstâncias, independente, parece, da Divindade que a proferiu. Assim, os atônitos: — “*Quod est hoc verbum, quia in potestate et virtute imperat immundis spiritibus, et exeunt?*” (S. Lucas, IV-36). — “*Quod est hoc verbum?...*”

Com a palavra dirige-se o homem à Divindade ou aos deuses. Pede-se, suplica-se, agradece-se!

Com a palavra abençoa-se, amaldiçoa-se, satiriza-se, pragueja-se!

Com a palavra dominam-se as forças ocultas ou assenhoreiam-se delas!

Com a palavra curam-se as doenças, desfazem-se os malefícios e as pragas!

Com a palavra sagram-se as coisas e evitam-se as profanas!

Com a palavra respeitam-se, veneram-se, divinizam-se homens, cidades e coisas!

Com a palavra predizem-se os fatos vindouros!

Com a palavra perdem-se ou deparam-se as coisas!

Com a palavra tem-se o mundo nas mãos! (1)

\* \* \*

Vejamos agora perfuntoriamente alguns exemplares dessas palavras ou frases ou rezas não propriamente religiosas, porém supersticiosas.

Visto que usos e costumes e instituições criam necessariamente uma terminologia pela qual se pode fazer uma idéia clara da vida de um povo, lancemos a vista para a nomenclatura da vida religiosa, p. ex., dos romanos, através das suas manifestações orais. É de qualquer modo um espelho das crenças símiles dos demais povos:

Invocare, evocare, invocatio, praefari, profari, effari (templum), fatum, fas (2), fastus, nefas, nefarius, nefandus, infas, infandum, orare, oraculum (3), adorare, dicere, benedicere (4), maledicere, dicare, dedicare (5), nuntiare, praenuntiare, etc.

As orações, fórmulas mágicas, ensalmos, encantamentos, etc., através de todos os tempos, entre os povos das mais diversas latitudes, podem manifestar-se com longas palavras ou

---

(1) Diz-se de Amon Ra: "Sua palavra é uma substância..." (Moret, "Mystères Égyptiens", Paris, 1922 (citado por M. Jousse).

(2) Opõe-se a jus, "direito humano". Fas personificou-se e divinizou-se.

(3) Primitivamente: "lugar onde se faz pedido (a deus)". Ver A. Ernout e A. Meillet, "Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine", Paris, 1951.

(4) Primitivamente: "pronunciar palavras de bom augúrio", como o seguinte lhe é o antônimo (Ernout e Meillet, DEL).

(5) "Consagrar aos deuses em termos solenes" (Id. ib.).

mesmo com uma única, e podem obedecer a requisitos ou exigências formais, externas, variadíssimas.

Entre os muçulmanos, pronunciar esta singela palavra — *agla* — voltado para o Oriente, possibilitava conhecer o futuro ou achar os objetos perdidos (6).

As vêzes, são mais eficazes as expressões gráficas (7). “Também é conhecida, afirma O. Jespersen, a grande importância mágica que em algumas partes se concede a palavras ou letras pintadas ou escritas de diferentes maneiras sobre diferentes objetos, as quais dão a quem traça, poder sobre pessoas ou coisas”.

A propósito, lembremos que os caracteres escritos, entre os povos primitivos, foram considerados mágicos, sagrados, de origem divina.

Não é sem motivo que as figuras, os desenhos do antigo Egito hajam sido denominados *hieroglyphikà grámmata* pelos Gregos (8).

As runas, caracteres da escritura dos povos nórdicos, eram provavelmente, assim chamadas pelo fato de que esses povos

---

(6) Numa fórmula de evocação aos espíritos, entre nomes gregos e hebraicos da Divindade, depara-se com *Aglá!* três vêzes em seguida (J. W. Scott, “Tratado de Magia Oculta”, S. Paulo, 1945, p. 46). Mas deve ser erro gráfico, porquanto numa oração “contra malefícios diabólicos” (J. Leite de Vasconcelos, “Opúsculos”, V, p. 542), iniciada igualmente com nomes estrangeiros de Deus, há *agia* (“sic”) e *agvos* (“sic”) que nada mais são do que o grego *hágios*, -*ia*, *ion*, “santo”.

(7) “Se comprende por sí mismo que el fetichismo de la palabra no pudo más que ser alentado con el descubrimiento de la escritura, pues un follo ó un escrito perfectamente claro es siempre mucho más abaricable que un aliento fugaz. Por esto el amuleto, un trozo de papel en una cápsula, es un extendidísimo medio mágico, especialmente en los países del Islam”. (F. Mauthner, “Contribuciones à una Crítica del Lenguaje”, trad., Madri, 1911, p. 269).

(8) A. Erman, “Die Hieroglyphen”, Berlim e Lípsia, 1932, p. 1. No entretanto, há quem o explique por escrita “ininteligível”, misteriosa ou emblemática, em vista de os hieroglíficos, durante séculos, desafiarem todas as tentativas de decifrá-los (“Everyman’s Encyclopaedia”, 3ª. ed., 1951, s.v. *hieroglyphic*). Antenor Nascentes (“Dic. Etim. da L. Port.”, I) explica ou interpreta - “gravura feita pelos sacerdotes “egipcios)”, quando, na verdade, tal é reservado ao termo *hierático*.

lhes atribuíam poderes mágicos, misteriosos (9). Tal nome (nórdico antigo *run*) significava “mistério, segrêdo” (10). Porém, assevera O. Jespersen que “las runas fueron al principio más bien ensalmos que medios de comunicación”. E cita entre outras: “Aprende runas de falar para que ninguém trate de responder a ofensa com ódio”.

“Aprende runas de pensar, assim todos crerão  
que és o mais agudo dos homens” (11).

Lembraremos, ainda, que se atribuía a Odin, divindade escandinávica, a invenção das runas, da poesia e da magia.

A respeito da “escritura” pascoense, ouçamos o que diz J. Imbelloni (12): “Los habitantes de Pascua que vivieron en la época brillante y constructiva de la isla tributaron a esos signos el mismo religioso respeto que en todo otro lugar acompaña a los vestigios de antiguas grafías, y todo lo que se nos ha transmitido sobre ello comprueba que una suerte de poder mágico se derramaba por su medio sobre la casta sacerdotal y la realeza”.

\* \* \*

Atribuíam-se à voz *abracadabra* — expulsão dos espíritos maus e curas de doenças. Seus efeitos, contudo, manifestavam-se com as letras postadas em triângulo, de tal jeito que se podia ler essa palavra em todos os sentidos:

---

(9) “Everyman’s Encyclopaedia”, s.v. *runes*.

(10) W. W. Skeat, “A Concise Etymological Dict. of the English Language”, Oxforde, 1924; E. Wasserzieher, “Woher? — Ableit. Wörterb. der deut. Sprache”, Berlim e Bona, 9.<sup>a</sup> ed., 1935; Kluge — Götze, “Etym. Wörterb. der deut. Sprache”, Berlim, 15.<sup>a</sup> ed., 1951.

(11) “Humanidad, Nación, Individuo”, trad., B. Aires, 1947, p. 219-220.

(12) “Las ‘Tabletas Parlantes’ de Pascua” in “Runa”, v. IV, B. Aires, 1951, p. 166.

ABRACADABRA  
ABRACADABR  
ABRACADAB  
ABRACADA  
ABRACAD  
ABRACA  
ABRAC  
ABRA  
ABR  
AB  
A

Há outra disposição mágica (13):

A B A C A D A B A R A  
B A C A D A B A R  
A C A D A B A  
C A D A B  
A D A  
D

Como amuleto, era escrito em objeto que se atava ao pescoço. Por não nos interessarem, deixamos de lado outros usos supersticiosos do escrito **abracadabra**.

Segundo Bloch, citado por Augusto Magne (14), êsse nome provém, “de um modo obscuro”, de **abraxas**, **abrásax** (15) — “palavra cabalística grega, muito freqüente em pedras que serviam de amuletos a adeptos do gnóstico Basilides, séc. II”, pois assim chamavam a Divindade e que, no entanto, segundo S. Jerônimo e outros, era o nome místico de Mitra.

- 
- (13) Brewton Berry, “Você e Suas Superstições”, trad., S. Paulo, 1945, p. 294. Comparando-se a palavra mágica desta obra com a outra, de maior difusão, inclinamo-nos a ver aqui uma deturpação; há falta de um r e acréscimo de um a.
- (14) “Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa”. I, Rio, 1950, s.v. **abraxas**.
- (15) Além destas formas, há ainda **abracax** (v. “Dic. e Encicl. Intern.”). É possível que tôdas tenham sido deformações voluntárias de um só nome, em obediência também à disposição variável nas letras para os efeitos desejados, embora não escritas. Cp. **abraxas** = **abra-cs-as**; **abrasax** = **abra-sa-cs**; **abracax** = **abra-ca-cs**.

Há outras fórmulas escritas que também costumam aparecer com as letras em ordem a possibilitar a leitura por qualquer lado:

S A T O R  
A R E P O  
T E N E T  
O P E R A  
R O T A S

Tal se acha, p. ex., num manuscrito do séc. XVII, da Biblioteca Nacional de Lisboa. Consta que é eficaz contra bruxedos, quando recitada à direita e às avessas. Em outros países há essas e outras virtudes com variadas exigências: Em regiões da Suíça, proferida cinco vêzes, desaparecem as dores de dente; pronunciada e escrita, protege-se o indivíduo contra ladrões (11).

Há diferentes interpretações. Acolhe Artur Resende no seu dicionário uma explicação jocosa — “emblema da diligência e preguiça”: “**Sator** (o agricultor) **tenet opera** (cuida da lavoura); **a[d]repo rotas** (e eu passeio de carro)” (16).

No entanto, J. Leite de Vasconcelos (17) diz que lhe parece definitiva a seguinte — **Sat orare potenter et operare ratio tua sit** — que, afinal, não passa de paráfrase ao lema de origem monacal — **Ora et labora!**

Símile é esta fórmula que o mesmo L. de Vasconcelos insere no v. V dos “Opúsculos”, p. 545. Diz-se que foi composta pelo demônio, e pode ser lida com as letras às avessas:

**Signa te signa te, me tangis et angis**  
**Roma tibi subito, motibus ibit amor.**

Há, contudo, fórmulas e orações que não se lhes descobre o sentido. P. ex., para esquecer alguém, entre várias exigências, lançam-se em rio ou lago três flores, dizendo, em voz baixa, ao atirar a primeira: **On Alan Apell Sar Jani Sem**; ao lançar a segunda: **On Uquir, Sitrofme Sem**; e, por fim, **Uetle Nsip Jego Mal! Ave Anox Otson Naroe Jam Sem** (18).

---

(16) “Frasas e Curiosidades Latinas”, 3ª ed., Rio, 1936, p. 708.

(17) “Opúsculos”, V, p. 542 a 546.

(18) J. W. Scott, “Tratado de Magia Oculta”, p. 68.

Na Ilha Terceira, Açôres, há uma reza, entremeada de perseguições, para desenfeitiçar, constante destas misteriosas expressões: **Corunguena + santa cruz + mechiconto + jéque + demenada + domenatatada + subistisanto** (19).

Pode ser que haja propósito no uso de vocábulos inventados, forjados ou deformados, os quais ficam sendo estoglossias (20). Mas anote-se que o filósofo grego Jâmblico, nos seus “Mistérios Egípcios” (*De Mysteriis*), em que considerava de grande relêvo os mistérios, e, pelos ritos secretos, o homem podia relacionar-se com a divindade, recomendava que, nas fórmulas mágicas, não se empregassem têrmos vernáculos, mas bárbaros, que tais eram “revelados” pelos deuses (21). Como exemplo, sirva a frase etrusca *arseverse*, que se escrevia nas portas das casas romanas, equivalente à latina *averte ignem!* “afasta o fogo!” (ou talvez *averte, ignis!*). Era preservativo contra incêndio. Ver Leite de Vasconcelos (“Opúsculo”, V, p. 553), o qual diz: “O uso de letras e palavras, principalmente em língua desconhecida, para revelarem mais mistério, é igualmente muito antigo”. Registra essa locução o “Dic. Lat.-Port.” de Saraiva. Será que a frase equivalente latina é a tradução da etrusca? Ou se trata de “etimologia popular”: *arse* lembraria as formas do pretérito de *ardere* e *verse* coincidiria fortuitamente com *avêrtere*? De qualquer modo, não deixa de ser uma imprecação.

Há inscrições mágicas da Gália, em que se misturam expressões gaulesas, gregas e latinas (22). Pode ser que tais misturas sejam propositadas, assim como propositados os expedientes de outras fórmulas. O mesmo A. cita outra inscrição mágica dos gauleses num alfabeto intermediário entre o grego e o etrusco, e apenas uma palavra apresenta aspecto céltico. E há outras que, embora mostrando alguns vocábulos latinos, os

---

(19) L. S. Ribeiro, “Notas de Etnografia da Ilha Terceira” in “Rev. Lusitana”, 32, 1934, p. 253.

(20) A respeito de expressões destituídas de significado, v. Rodolfo Senet — “Las Estoglossias”, Madri, 1911.

(21) A. Carnoy, “La Science du Mot”, Lovaina, 1927, p. 380.

(22) G. Dottin, “La Langue Gauloise”, Paris, 1920, p. 43 e 43-44.

demais resistem à identificação com qualquer língua conhecida.

Mas, tenha-se presente que tais singularidades não eram privativas das inscrições mágicas.

Que tais singularidades são universais, ouçamos a Carlos Navarro y Lamarca a propósito dos indígenas da América: “Entre los americanos, tenían ciertas palabras un poder mágico y misterioso al que obedecían los espíritus. La maldición mataba como una maza. Cuando el hechicero indígena “concentraba su medicina” y lanzaba un anatema vibrante, no había salvación para su enemigo. Las fórmulas mágicas, cantos, encantos y conjuros del ritual indígena, eran casi siempre una sucesión de palabras ó sílabas sin sentido alguno. Se suponía que los Dioses entendían lo que no alcanzaban los hombres” (23).

As vêzes as expressões enigmáticas são o resultado de pronúncia ou escrita defeituosa. Numa fórmula para afugentar ratos — *Spitium salutis Sgavidanis* (24) — tôdas com terminações latinas, enquanto se identifica a segunda dição, nada se sabe quanto à terceira (nome próprio talvez), e a primeira mal dará para cotejar com *stipes*, *stipitis*, “tronco, estaca, árvore” ou com *stips*, *stipis*, “moeda; proveito, lucro”. Enquanto se proferem essas palavras, rega-se a casa com infusão de rosas e um jasmim.

Para não ser picado pelas pulgas, deve-se dizer *ock* seis vêzes seguidas (25). A palavra parece um eco do alemão dialetal *vloch*, “pulga”, ou do inglês *bug*, “percevejo”, como que, com o seu nome, se esconjurasse o impertinente ou o nojento inseto (26).

---

(23) “Compendio de la Historia General de América”, B. Aires, 1910, p. 173.

(24) J. W. Scott, “Tratado de Magia Oculta”, p. 65.

(25) Idem, *ibidem*, p. 66.

(26) Leia-se o curioso estudo etimológico de *percevejo* por Leo Spitzer em “Anales del Instituto de Lingüística”, Univ. de Cuyo, Mendoza, 1942, t. I, p. 38 e segs.

Tais *sevandijas* são considerados seres demoníacos, como comprova o ingl. *bug* que, primitivamente, significava “espectro” (cf. irlandês

Num livro português, de 1833, que condena as superstições, registra-se que o dizer três vêzes onasages cura o mal dos dentes, e que proferir — *sista, pista, rista, xista* — evita o mal da gôta (27). Como esta, é curioso notar que muitas fórmulas são rimadas: “Os curandeiros benzedores usam ensalmos de palavras desconexas, com rimas consoantes (de *balanço e manso, postila e Santa Camila*)...” (28).

A propósito da colocação das palavras, convém lembrar a antiqüíssima poesia sacra, o “Carmen Arvale”, datada de 218 d.C., gravada em mármore, descoberta em Roma, no Vaticano. É o protocolo dos doze irmãos arvais, sacerdotes de Ceres, instituídos pelo primeiro rei de Roma. Nela há perfeita identidade entre o número de sílabas e o número das palavras, de correspondência horizontal e vertical, de aliteração, de assonância, de igualdade de forma e de fundo (29). Ei-la (30):

Enos Lases iuvate  
[E]nos Lases iuvate  
Enos Lases iuvate

---

bocan, “fantasma”), e, para a sua eliminação, proferem-se esconjurações, nas vésperas de dias festivos e principalmente da Páscoa. Afirma Spitzer que, certamente, por causa do sentido de *Belzebu*, “senhor das moscas”, Goethe, no “Fausto”, faz Mefistófeles chamar-se a si próprio, além de *Fliegengott*,

“Der Herr der Ratten und der Mäuse,  
Der Fliegen, Frösche, Wanzen, Läuse” (I, v. 1516).

(27) “Rev. Lus.”, v. 20, 1917, p. 272.

(28) Luís Chaves, “A Grei Portuguesa” in “Rev. Lus.”, v. 28, 1930, p. 75.

(29) Jean Cousin, “Evolution et Structure de la Langue Latine”, Paris, 1944, p. 147.

(30) Segundo A. Ernout, “Recueil de Textes Latins Archaïques”, Paris, 1938, p. 107. Este A. declara que o texto foi muito corrompido, renovado, desfigurado por vários defeitos, o que lhe dificulta a interpretação. Contudo apresenta algumas observações: *Enos* = *nos*? ou *enom*, “*tum? Lases* = *Lares*; *neve lue rue* = *neve luem ruem*; *ruem* = *ruinam? Marmar* = *Marmor*, forma redobrada de *Mars*; *sins* *incurrere* = *sin sin currere*?, i. é, *sin*, imperativo de *sino*? *in pleores* = *in plures*? *fer* = *voc. de ferus*? *fu* corradical de *fui*, etc? *Semunis* = *Semones*?, *divindade das sementes*; *conctos* = *cunctus*? ou “*quisque*”? *triumpe* = *espécie de exclamação triunfal*.

Neve luæ rue Marma sins incurrere in pleores,  
Neve lue rue Marmar [si]ns incurrere in pleoris,  
Neve lue rue Marmar sers incurrere in pleoris.  
Satur furere Mars, limen [sal]i, sta berber,  
Satur fu, fere Mars, limen sali, sta berber.  
Satur fu, fere Mars, limen sa[l]i, s[t]a berber.  
[Sem]unis alternei advocapit conctos,  
Semunis alternei advocapit conctos  
Simunis altern[ei] advocapit [conot]os.  
Enos Marmor iuvato,  
enos Marmor iuvato.  
Triumpe triumpe triumpe trium[pe tri]jumpe.

Apesar das apuradas investigações, tem êste canto resistido a qualquer tradução. Tal se explica pela natureza do assunto. Trata-se de oração de caráter esotérico, misterioso, cuja composição, embora proferida conscientemente, em tempos ulteriores já não mais se apreendia o sentido das suas palavras, pelo menos em parte. A oração tinha eficácia mais pelo ato de proferi-la do que pelo seu significado. A sua linguagem, é sabido, não condiz com a das inscrições ou textos da mesma época. Também se pode admitir a hipótese de haverem propositadamente mal desfigurado as palavras ou a sua colocação, etc., uma vez que a oração era gravada, e, pelo quê, mais ou menos exposta a olhares profanos, embora colocada em recinto privado (31):

É possível que, ao lado de expressões correntes, enxertas-

---

Foram propostas diversas traduções. Ernout acha que “tout ceci est très aventureux”.

César Cantu no v. III da “História Universal”, trad. de Antônio Ennes, apresenta esta tradução: “Nos, Lares, juvate! Ne luem, ruem (ou ruinam), Mamers, sinas incurrere in plures! Satur esto, fere Mars! In limen insili! Sta! Verbera (limen?) — Semones alterni, advocate cunctus! Nos, Mamere, juvato! Tripudia!”

- (31) Já na mais afastada antiguidade se procedia à ocultação de pictografias aos olhares profanos: “Les peintures de nos cavernes sont parfois situées dans des recoins ou sur des anfractuosités de rochers peu accessibles; on a supposé qu’elles ont été tracées dans ces endroits parce qu’elles auraient été interdites (tabous) aux femmes, aux enfants et, d’une manière générale, aux non-initiés” (Jacques de Morgan, “L’Humanité Préhistorique”, Paris, 1924, p. 246).

sem deliberadamente outras, dialetais, justamente para encobrir ou semi-encobrir o pensamento.

Propositada obscuridade possuem os **gatás do Avesta**, afirma Meillet: “Se os **gatás do Avesta** são mais que ininteligíveis, é que os autores os fizeram deliberadamente de modo que as combinações de palavras não foram naturais... Os hinos védicos e a canção dos irmãos arvais de Roma também são obscuros adrede...” (32).

O caso é que, freqüentemente, em tôdas as latitudes, em tôdas as coletividades primitivas, suas orações e seus cantos mágicos, se não foram compostos em linguagem esotérica, vieram a ficar assim, intraduzíveis, pelo tradicionalismo supersticioso.

Em vista de as palavras sagradas nos rituais deverem não ser modificadas e, sim, repetidas integralmente ou sempre de um mesmo modo, às vêzes até nas mínimas particularidades, porque, para êles, a eficácia dessas rezas ou invocações dependem justamente dessa observância tradicional, aconteceu que, através dos séculos, suas palavras, não seguindo a evolução das demais nos usos profanos, permaneceram estáveis a ponto de serem ininteligíveis às novas gerações(33).

Em trabalho de campo que realizei entre os **indígenas caingangues de Palmas, Paraná**, registrei uma oração aos mortos e uma cantiga para dança, cujas letras são intraduzíveis. Apenas uma que outra palavra pode ser entendida (34). Antes de mim, com os mesmos silvícolas, o prof. Herbert Baldus (35) recolheu, sem que o informante pudesse traduzir, uma oração destinada aos falecidos e um canto de dança para a festa dos mortos (36).

---

(32) Citado por O. Jespersen, “Humanidad, Nación, Individuo”, p. 236-237.

(33) Com respeito aos Romanos e aos Gregos, v. Fustel de Coulanges, “A Cidade Antiga”, v. I, 2.<sup>a</sup> ed., 1920, p. 266-267 e nota 1.

(34) R. F. Mansur Guérios, “Estudos sôbre a Língua Caingangue” in “Arquivos do Museu Paranaense”, v. II, Curitiba, 1942, p. 152-153, e, na separata, p. 58-59.

(35) Herbert Baldus, “Sprachproben des Kaingang von Palmas”, sep. de “Anthropos”, t. 33, 1935, p. 202.

(36) Para se ter idéia de como usamos arcaísmos em orações, lembremos, em port., **padre** (= “pai”) na reza dominical **padre-nosso** e nas lo-

Karl Bücher, citado por Jespersen (37), estudando a origem da poesia, menciona os ilheus de Andamã que sacrificam ao ritmo as palavras da prosa, mudando-a ou abreviando-as de tal modo que quase pode dizer-se têm uma especial linguagem poética, e é de opinião que o ritmo das canções dos povos primitivos não era regido pela linguagem, mas, sim, pelo ritmo do trabalho de que se ocupavam, enquanto cantavam. E cada classe de trabalho tem um compasso e este é o que determina o ritmo da canção acompanhante (38).

A não observância à letra poderá acarretar desgraças, mesmo em assunto não religioso.

P. ex., os achantis, africanos da costa ocidental, têm cantores profissionais que narram, em melodias especiais, os grandes feitos de seus reis, mas evitam o perigo de mutilar-lhe ou corromper-lhe cada palavra, cada frase, porque, admitido o trovador na casta, desde então é punido de morte pelo menor êrro ou no texto ou na notação (39).

---

cuções Padre Eterno, Eterno Padre, Santo Padre, e madre (= “mãe”) em Santa Madre Igreja.

Os protestantes evitam a expressão *padre*, certamente porque designa, na linguagem corrente, o sacerdote católico. Substituem-na por *pai* — “Pai nosso que estás nos céus...”, que, afinal, é também empregada pelos católicos.

(37) “Humanidad, Nación, Individuo”, p. 240 e 241.

(38) Esta explicação se aproxima do clamor concomitans, hipótese da origem da linguagem, “d’après laquelle la parole serait née des cris qui, chez les primitifs, accompagnent tout travail en commun” (A. Bricteux, “Essai sur l’Origine du Langage”, Seraing, s/d, p. 10).

(39) Marcel Jousse, “Études de Psychologie Linguistique”, Paris, 1925, p. 169. Não resta dúvida que, em tal condição, fica intacta a linguagem. Havia passado, diz o A., mais de 800 anos sem que essa narração apresentasse modificação! “Claro es, fala a propósito Jespersen, claro es que las mutaciones del lenguaje se sustraen en gran medida a la vigilancia humana y por esta razón ocurre que, sin que los nativos se den cuenta, su lenguaje se va modificando poco a poco con el uso diario y su transmisión a las nuevas generaciones. Pero en el grado que pueden, tratan rigurosamente de que nada cambie (salvo los casos en que la creencia en el poder místico del nombre exige la adopción de nuevas palabras), manteniéndose la vigilancia más escrupulosa para que no se produzca alteración alguna en las formas sagradas del culto religioso

A propósito das exteriorizações símiles dos indígenas americanos, afirma Carlos Navarro y Lamarca: “Algunos cantos no tenían letra. En otros era esencialísimo el pronunciar exactamente las palabras consagradas. Cualquier equivocación al respecto, destruía, según el indio, el mágico conjuro, y podía producir consecuencias funestas. El canto era, en fin, un vehículo para llegar a los seres invisibles” (40).

Vimos que rezas, fórmulas mágicas, poesias religiosas, etc., obedecem a determinada colocação das palavras, mas há outras cujo número de sílabas e de vocábulos, aliteração e assonância são outros tantos requisitos formais. Acrescente-se ainda que, como se disse, a rima desempenha papel importante, como neste exemplo de Varrão: **Terra pestem teneto, salus hic maneto!** (41).

E entre os romanos muitas fórmulas de juramento, de invocação, de oração, eram expressadas por frases de três membros (*trikôlon*), provavelmente por se atribuir poder mágico à trindade (42). Há exemplos no “*carmen arvale*”.

A entoação era outra exigência, talvez indispensável. A propósito de um trecho de uma das epístolas de Horácio (I, 34-35) — “*Sunt verba et voces quibus hunc lenire dolorem*

*Possis et magnam morbi deponere partem*” — Leite de Vasconcelos chama a atenção para *verba*, que “significa “ensalmo” ou “fórmula mágica”, e *voices* [que] designa o tom musical da recitação”. (43).

---

y los himnos ceremoniales. A este vigilante cuidado sobre los sonidos tradicionales de las viejas palabras se debe que los antiguos himnos védicos de la India hayan sido conservados con tal fidelidad que conocemos sus formas y su pronunciación hasta el detalle más pequeño”.

(O. Jespersen, “Humanidad, Nación, Individuo”, p. 233).

(40) “Compendio de la Historia General de America”, p. 147.

(41) J. Cousin, “Évolution et Structure de la Langue Latine”, p. 149.

(42) Idem, *ibidem*, p. 156-157.

(43) “Miscelânea” in “Rev. Lus.”, 20, 1917, p. 165. Cita aí notas de duas edições de Horácio, assim como o “*Corpus Inscriptionum Latinarum*”; Marquardt, “*Le Culte chez les Romains*”; e Heim, “*Incantamenta Magica Graeca Latina*”, Lipsia, 1902.

Como as fórmulas mágicas eram freqüentemente ritmadas, tinham o nome de *carmina*. Cf. *carmen arvale*.

A importância da magia através do canto é denunciada pelos termos *canere* (44), *excantare*, *incantare*, *incantatio*, *incantamentum*, *praecinare*, *occinare* (entre os romanos).

Como o *vates*, “adivinhador, profeta”, manifestava os oráculos (*vaticinia*) através de ritmos, passou *vates* a significar “poeta” (45). O verbo correspondente é *vaticinari*.

No port. são continuadores com idéias de magia — *encantar* e *encantamento*, *vaticinar* e *vaticínio*.

Também entre os celtas, o canto servia para fins mágicos (46).

Por outro lado, os poetas da antiga Irlanda se confundiam com os magos, cujas sátiras, chamadas também encantamentos, eram tremendas maldições — toda uma região poderia ficar estéril por um ano; faziam aparecer chagas que desfiguravam as vítimas, levando-as ao desespero; chegava-se até a causar-lhes a morte. Nem os animais escapavam (47). Nas guerras, o concurso de muitos poetas satíricos multiplicava o efeito dos seus encantamentos para dar a vitória aos seus patrícios.

A rivalidade entre os bardos muitas vezes se resolvia com um debate, luta de poder entre mágicos.

Eram todos temidos; não resta dúvida. E mais de uma vez

---

(44) “C'est un terme de la langue augurale et magique, dont les formules sont des mélopées rythmées” (Ernout e Meillet, “Dict. Étym. de La Langue Lat.”, s.v. *cano*). Ver A. J. Fernandes de Carvalho, “Dicionário das Instituições, Usos e Costumes dos Romanos”, Braga, 1904, p. 174.

(45) Id., ib., s.v. *uates*.

(46) “Lorsque deux armées étaient sur le point d'engager la bataille, il arrivait souvent que les druides et les bardes s'avancèrent entre les deux armées, et, par la magie de leurs chants, leur faisaient tomber les armes des mains” (Georges Dottin, “Les Littératures Celtiques”, Paris, 1924, p. 128).

(47) “Longtemps encore, les bardes irlandais gardèrent la réputation de détruire par leurs incantations les rats e les souris”. (Id., ib., p. 146).

os reis da Irlanda tentaram bani-los, por causa do seu número (48), indisciplina e exigências.

Pelo que se vê, para os homens, principalmente os primitivos, há conexão íntima, quase ou mesmo mágica, entre a palavra e a coisa por ela designada. A palavra não é sinal cômodo para denotar objeto, ato ou fato, porém é a sua mesma substância, a sua própria alma, e, portanto, imutável.

Não é, pois, de admirar que conhecer as coisas pelo nome é tê-las em seu poder e tê-las em poder é dar-lhes um destino bom ou mau. E se elas tiverem virtudes malélicas, ou benéficas, neutralizar-se-lhes-ão, ou aproveitar-se-lhes-ão os efeitos.

— “Ó febre, exconjuravam os curandeiros do Atharda-Veda, tu não me escaparás; eu te conheço pelo nome!”

Até entre os civilizados, conhecer o nome de uma doença, esta parece dominada a meio. Há doentes que se sugestionam pelas palavras inusitadas, difíceis, que tais são os têrmos técnicos proferidos pelo médico, os quais comportam certa precisão, inobservada nos têrmos comuns, correntes. Entre as crianças observa-se fato análogo. Não ficarão satisfeitas, enquanto não souberem o nome das coisas: “El niño considera los nombres como realidades objetivas ligadas misteriosamente a los cosas y en cierta manera esenciales a ellas. Un objeto sin nombre es para el niño algo incompleto, casi inexistente, imaginario” e “la tendencia infantil es “materializar” el nombre; esto es, considerarlo como parte de la cosa real misma en lugar de como algo extraño y arbitrariamente enlazado a ella” (49).

\* \* \*

Até aqui tratamos superficialmente das palavras que podem ou devem ser proferidas. Há, no entretanto, palavras que não podem ou não devem ser proferidas e às quais reservamos o próximo trabalho — são os tabus lingüísticos (50).

---

(48) No tempo do rei Maelcoba, de Ulster, contavam-se 1.200 magos-satiristas (Id., ib., p. 143).

(49) Citação em O. Jespersen, “Humanidad, Nación, Individuo”, p. 215.

(50) Em 1941, publicamos uma brevíssima visão — “Tabus Lingüísticos” — no vol. I dos “Arquivos do Museu Paranaense” (p. 149 a 160).